

Projetos de vida e profissional: um estudo com universitários da área da saúde

Elzenita Falcão de Abreu
Heloisa Moulin de Alencar

Trata-se de um estudo sobre projeto de vida em geral de universitários da área da saúde, com ênfase nos seus projetos profissionais. Buscamos conhecer esses projetos e justificativas, para discuti-los a partir das perspectivas de moral e ética concebidas por La Taille (2006a). Realizamos entrevistas individuais com 51 estudantes, de acordo com o método clínico de Piaget. Os participantes mencionaram projetos em geral e profissionais e justificaram esses últimos, principalmente pela “motivação e/ou interesse”. Diante das repostas mencionadas, identificamos, nas justificativas dos projetos profissionais dos estudantes, um número reduzido de conteúdos morais. Esses dados podem contribuir para intervenções com futuros profissionais, que possibilitem reflexões a respeito da prática desenvolvida por condutas morais e opções éticas.

Palavras-chave: moral; ética; projetos de vida e profissional; universitários; saúde.

Introdução

La Taille (2006a) vem discutindo a Psicologia da Moralidade e suas ideias vêm provocando importantes reflexões e indagações no campo da Psicologia do Desenvolvimento, na medida em que procuram levar o leitor a pensar o ser humano como um ser em construção, na qual estão envolvidas diversas dimensões do seu desenvolvimento, entre elas a da moral e da ética. Partimos de sua definição de moral e de seus argumentos explicativos acerca do tema.

O autor define moral como “[...] os sistemas de regras e princípios que respondem à pergunta ‘como devo agir?’. Como todos os sistemas morais pressupõem, por parte do indivíduo que os legitima, a experiência subjetiva de sentimento de obrigatoriedade” (La Taille, 2006a, p. 49). O indivíduo coloca para si as obrigações e deve ter a possibilidade de optar pela moral para orientar sua conduta. No entanto, um aspecto importante para a moral é a qualidade dessa escolha, do “querer fazer”, pois nem tudo que se faz, ou se pretende fazer, é

desencadeado por motivações morais. Quando a conduta é orientada pela moral, a obrigatoriedade das ações deve partir do reconhecimento dos direitos alheios e da dignidade, que é inerente a todo ser humano.

La Taille (2006a) apresenta duas dimensões que constituem a consciência moral. Trata-se das dimensões cognitiva e a afetiva. A primeira está relacionada ao “saber fazer”, capacidade que o indivíduo tem para agir, refletir e emitir juízos por poder fazer uso da razão. O uso da razão nos permite empregar critérios e escolher as ações que devemos desenvolver. No entanto, o que nos impulsiona a tomar essa decisão é a energia interior que nos move e nos incita à ação, a “motivação”, embora seja preciso que essa pertença ao campo moral. Dito de outra forma, o “saber fazer” não é suficiente para agir moralmente, é necessário que exista o “querer fazer” moral.

Em síntese, o dever moral não é absoluto, depende das consequências, da força do sentimento de dever investida, ou melhor, da compreensão da energética das ações morais, como diz La Taille (2009): “a moral somente será objeto de assimilação e reflexão se os deveres que dela emanam forem considerados dentro de um projeto de ‘vida boa’, um projeto *desejado*” (p. 17). Esse projeto de “vida boa” diz respeito ao plano ético.

Quanto à ética, La Taille (2006a) procura relacioná-la ao sentido da vida, à busca da felicidade, à reflexão sobre “Que vida eu quero viver”? ou “Que vida vale a pena ser vivida?”, o que nos remete a uma aspiração, e não a um dever. Do ponto de vista psicológico, moral e ética não são esferas independentes. O plano ético engloba o plano moral, pois é preciso conhecer a perspectiva ética que os homens adotam para poder compreender o processo que os leva a respeitar determinados princípios e regras. A experiência psicológica de uma vida que tem sentido no plano ético está associada a valores morais “e uma vida que faça sentido deve, necessariamente, contemplar a ‘expansão de si próprio’ que se traduz pela busca e manutenção de representações de si com valor positivo” (La Taille, 2010, p. 113). Trata-se de uma experiência subjetiva de bem-estar, de transcendência dessa experiência de prazer, que implica ver-se como alguém de valor, capaz de se desenvolver e de ter autorrespeito e respeito pelo outro. Significa que a vida, para ser ética, deve ser pensada do ponto de vista da articulação do individual e do coletivo, porque minha felicidade pressupõe incluir o outro no meu projeto de vida boa, e isso implica generosidade. Para La Taille (2006b), a generosidade é uma das virtudes consideradas fundamentais para alcançar a ‘vida

boa', uma vez que pressupõe favorecer o outro, independente de seus direitos. É uma virtude que contempla o altruísmo, o sacrifício e a doação ao outro e nos impele a agir colocando os próprios talentos em benefício do nosso semelhante.

No entanto, é necessário que avaliações pessoais a respeito de se estar vivendo ou não uma “vida boa” sejam feitas no sentido de tomar consciência da direção que se está dando à vida. Eis o que escreve La Taille:

[...] a tomada de consciência de si é tomada de consciência das próprias ações no mundo, tomada de consciência a partir do viver, da *práxis*. Portanto, a identidade é uma construção realizada a partir dos atos concretos da vida, a partir do “como viver”. Se há indissociabilidade entre identidade e as características da “vida vivida”, *a fortiori*, as respostas dadas à pergunta “como quero viver?” são inseparáveis das respostas dadas à pergunta “quem eu quero ser?”. (2006a, p. 45-46)

Diante do exposto, entendemos que a ética pressupõe a perspectiva de uma vida boa, um projeto de felicidade, que deve mover ações morais, pois, na visão de La Taille (2006a), não é possível defender uma ética sem moral.

Na perspectiva deste estudo, o tema “projeto de vida em geral e profissional” será relacionado ao que acabamos de discutir sobre moral e ética. Há todo um processo de existência que pode nos levar a refletir sobre a vida e ter um projeto futuro, o qual será baseado em nossos princípios e em nossa própria concepção do que seja viver (La Taille, 2006a). Essa aspiração, esse projeto, quando surge a partir dos deveres que estabelecem uma boa convivência social, a reciprocidade, o respeito por si mesmo e pelo outro, remete-nos ao conceito de ética, considerado nesta pesquisa, concebido por La Taille (2006a). Nesse caso, imaginamos a existência de uma harmonia entre o desejo de “agir moral” e o desejo de querer pautar a vida em princípios éticos – ligação que favorecerá a concretização de uma realização pessoal e profissional.

La Taille (2006a) declara que “escolher um sentido para a vida e formas de viver é escolher a si próprio, é definir-se como ser” (p. 45). Parte da premissa que, para compreender o sentido da vida, é preciso responder à questão: “Para que viver”? Concebemos que ter uma vida que faça sentido é o anseio de quem busca não apenas ser feliz com as conquistas, mas contribuir para a construção da harmonia social. Contudo, sendo o homem livre para escolher ou não a moral para orientar sua forma de existir no mundo, pode ter como opção reconhecer

os direitos de seu semelhante e incluí-lo nos seus projetos com o respeito e a dignidade, que é inerente a todo ser humano. Ao fazer essa escolha, pressupomos uma perspectiva de vida boa.

Para Damon (2009), o intento almejado “pode organizar toda uma vida, concedendo-lhe não apenas sentido e alegria, como também motivação para aprendizagem e realizações” (p. 55). Nessa perspectiva, há um desejo subjacente à consciência do homem que o orienta a expandir para além de si próprio; de transcender os limites individuais e promover o encontro com o outro. Essa é uma possibilidade ética para as pessoas que buscam e concretizam projetos de vida dessa natureza, porque elas fazem diferença no mundo. De acordo com essa ideia, Damon (2009) aponta o resultado de um importante estudo, o qual confirmou que pessoas, ao aplicar suas obrigações a uma noção de plano vital altamente desenvolvida, realizaram conquistas notáveis e por isso eram consideradas diferentes.

Vimos, também, que essa discussão é reforçada por Damon (2009) ao definir projeto de vida. Eis sua definição: “*Projeto vital é uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e gera consequências no mundo além do eu*” (p. 53, grifos do autor). Explica que o objetivo desse projeto é de longo alcance e tem característica estável, porque vai além de um simples interesse, ou desejo passageiro, que é logo substituído por outro. Além disso, o projeto de vida oferece possibilidades de contribuir com a pretensão pessoal de uma vida com sentido, porque “O projeto vital comunica-se com o mundo além do eu” (Damon, 2009, p. 54).

Diante dessas considerações, pensamos que falar de projeto de vida é uma tarefa importante e que pode se adequar ao campo da moral e da ética quando está relacionado ao valor que se atribui ao outro, inserindo-o na nossa própria vida com o respeito e dignidade que merece.

Constatamos que há um crescente interesse acerca do estudo dos projetos de vida, conforme observado em diversos trabalhos (Nascimento, 2002; Bock & Liebesny, 2003; Paredes & Pecora, 2004; Miranda, 2007; Valore & Viaro, 2007; Marcelino, Catão & Lima, 2009; Dias, 2009; Furlani & Bomfim, 2010, entre outros). Contudo, averiguamos que ainda não são muitos os trabalhos desenvolvidos relacionando a temática moral e ética com os projetos de vida, especialmente com os projetos profissionais.

No que tange aos projetos de estudantes universitários, Ito e Soares (2008) identificaram que são poucos os estudos realizados no Brasil. Entretanto,

compreendemos que a escolha profissional faz parte de um projeto de futuro que é construído, principalmente, durante a trajetória acadêmica do estudante, seja ele adolescente ou adulto, que tende a culminar com a prática profissional.

A escolha de um curso ainda é uma atividade exploratória para a maioria dos jovens. Ao ingressar na universidade, entram em contato com a primeira especificação de seus interesses profissionais, mas continuam avaliando e reavaliando suas expectativas e objetivos traçados durante toda a trajetória acadêmica (Lassance, Gocks & Francisco, 1993; Teixeira & Gomes, 2004). Uma gama de situações, que envolvem diversos tipos de aspirações, expectativas e relações interpessoais, faz parte dos anos da universidade. Quase sempre, ações e estratégias são criadas e colocadas em prática, no sentido de ver concretizada a profissão.

Partindo da consideração de que os projetos de vida profissional são multideterminados por serem influenciados por fatores políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos (Soares, 2002), entendemos que surge a preocupação com os valores que vêm sendo construídos pelos futuros profissionais nos tempos atuais, conseqüentemente, com a moral e a ética.

Liboni e Siqueira (2009) apresentam uma discussão sobre o curso de Medicina e demonstram preocupação com a competência moral dos acadêmicos. Justificam a importância do avanço da ciência e, ao mesmo tempo, investem em uma reflexão crítica que leve à discussão da formação médica atual. Para eles, “o desafio que se tem pela frente é o de continuar exercendo a profissão como técnica cega e surda [...], ou resgatar a arte da percepção, reflexão e crítica, para que os atos profissionais sejam conduzidos com adequado juízo moral” (p. 228).

Silva e Santos (2007) pesquisaram sobre os valores priorizados por estudantes de Psicologia, visando identificar esses valores e sua natureza, isto é, se eles preferiam, entre outros, valores públicos, privados e/ou ligados à glória. Os resultados apontaram que a maioria dos estudantes priorizou valores privados, considerados como aqueles que dizem respeito à individualidade e aos interesses das pessoas mais próximas. Concluem enfatizando que há uma contradição evidente entre o que descobriram e a profissão de psicólogo, uma vez que se espera desse profissional, como valor básico, a preocupação com o outro. Além disso, os dados também apontam que não há mudança substancial dos valores priorizados pelos participantes ao longo do curso de graduação.

Para Erdmann, Rodrigues, Koerich, Backes, Drago e Klock (2009), “Várias iniciativas e programas têm colaborado para o desenvolvimento do pensamento crítico e para o movimento em busca de mudanças no processo de formação”

(p. 289). Os autores citam, como exemplo, Incentivo às Mudanças Curriculares nos Cursos de Medicina, de Profissionalização dos Trabalhadores da Área da Enfermagem, entre outros, e afirmam que esses conseguem mobilizar as instituições e aproximá-la do SUS, cujo sistema preza pela integralidade e equidade da atenção em saúde. No entanto, questiona se os estudantes da saúde estão aderindo a essas atuais tendências da formação, ou seja, entende que as mudanças curriculares não têm surtido muito efeito sobre a mentalidade dos estudantes.

Alguns resultados do estudo de Finkler, Caetano e Ramos (2011), com um curso da área da saúde, apontaram um comprometimento com a dimensão ética da formação profissional e indicaram deficiências quanto aos conteúdos relacionados à formação cultural, humanística e política, por conta dos pressupostos e métodos ainda bastante tradicionais do processo educativo. Além disso, os autores consideraram incipiente a presença da Bioética como disciplina e tema transversal curricular, acompanhada pela escassa formação específica de seus docentes, embora tenham registrado avanços como: a capacitação docente, pela preocupação com a formação de profissionais capacitados a atuar nos serviços públicos, e a proposta de integração do currículo acadêmico, entre outros avanços.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi pesquisar os projetos de vida dos estudantes universitários da área da saúde, dos primeiros e últimos períodos, até cinco anos após o término da graduação; investigar quais são seus projetos de vida profissional e a(s) justificativa(s), visando identificar os conteúdos morais ou contrários à moral, contidos nas mesmas, para discuti-los a partir das perspectivas de moral e ética concebidas por La Taille (2006a). Ressaltamos que consideramos apenas os conteúdos relacionados à moralidade (morais ou contrários à moral) e não da ética, uma vez que, para La Taille (2006a), devemos definir conteúdos apenas para a moral porque é essa que legitima as opções de “vida boa”, conferindo-lhes as condições necessárias para que mereçam o nome de ética. Isso porque, na compreensão desse autor, são inúmeras as opções para a expansão de si, e cada pessoa tem liberdade de escolher que rumo dar à própria vida.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, no primeiro semestre de 2010. Essa instituição possui estrutura multicampi, com sede na Cidade de Petrolina-PE. Suas atividades acadêmicas tiveram início no segundo semestre de 2004. Trata-se de uma instituição nova, em

fase de reconhecimento de seus cursos e busca de consolidação. Os dados foram coletados no campus Petrolina, levando-se em consideração a localização dos três cursos da área da saúde existentes na época da investigação: Enfermagem, Medicina e Psicologia. Os critérios de escolha utilizados foram: cursos da área da saúde e o período do curso em que se encontravam os participantes. A escolha pelos cursos da área da saúde deveu-se ao que se vem observando na realidade das instituições de saúde. Demonstra-se, cada vez mais, que determinados modos adotados de “ser” e de “fazer” não apenas comprometem e prejudicam os profissionais, como, principalmente, o cuidado aos clientes na sua assistência à saúde (Lunardi, Lunardi Filho, Silveira, Soares & Lipinski, 2004). Quanto ao critério período do curso, nossa proposta foi analisar a construção desses projetos profissionais, focando nas possíveis modificações que podem ocorrer, decorrentes da trajetória acadêmica, na medida em que avançam no curso.

Entrevistamos 51 estudantes dos primeiros e últimos períodos. Procuramos dividi-los igualmente quanto ao sexo e entre os períodos; no entanto, tivemos uma participante a mais do primeiro período de Enfermagem. Nesse caso, tivemos a seguinte distribuição: do curso de Enfermagem alunos do 1º (n=9) e do 8º (n=8) períodos; de Medicina, do 1º (n=8) e do 11º (n=8) períodos; e de Psicologia, do 1º (n=9) e do 9º (n=9) períodos. Os estudantes foram selecionados mediante sorteio feito em sala de aula, e as entrevistas foram agendadas para serem realizadas, individualmente, de acordo com o método clínico proposto por Piaget (1926/2005, 1932/1994). Isso porque, para Delval (2002), esse método busca as características gerais das explicações, a maneira como ele resolve os problemas apresentados, como chega às suas explicações, se busca coerência e, de forma mais peculiar, o que há de criatividade nas suas respostas, sem afastar-se do sujeito que produz conhecimento. Assim, é o processo que proporciona a emissão das respostas que são solicitadas (Alencar & Ortega, 2003).

Todos os cuidados éticos foram preservados, de acordo com os padrões da Resolução Nº 196/1996 do Ministério da Saúde – MS (1996) e da Resolução Nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia – CFP (2000). Dessa forma, enviamos o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley da Universidade Federal da Paraíba – CEP/HULW (protocolo nº 014/10) e o mesmo foi aprovado em sessão realizada no dia 26/01/2010. Só após a aprovação, solicitamos a permissão do representante da reitoria e dos participantes para dar início à pesquisa. Obtivemos as assinaturas dos termos

de consentimentos (TCLE), respeitando a vontade de participar ou não. Além disso, os participantes foram esclarecidos verbalmente sobre os objetivos, procedimentos da pesquisa e sigilo das informações.

Destacamos que as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, para fins exclusivos de pesquisa, e foram realizadas na própria instituição de ensino, com duração média de 40 minutos cada. Solicitamos que respondessem as seguintes questões:

Imagine-se no futuro até cinco anos depois de terminar este seu curso de graduação. Quais os seus projetos de vida?

2a. Quais são os seus projetos profissionais depois de terminar este seu curso de graduação?

2b. Por quê?

Os dados foram analisados com base na teoria piagetiana e na sistematização proposta por Delval (2002). Elaboramos categorias detalhadas para as respostas e justificativas dos participantes. Em seguida, agrupamo-las em categorias resumidas para uma análise, por questão, do instrumento. Contabilizamos os dados na forma numérica e em termos percentuais, utilizando a seguinte proposição: número de respostas ou justificativas, que formaram cada categoria, dividido pelo total de respostas ou justificativas multiplicado por 100. Priorizamos a análise qualitativa, uma vez que a riqueza das respostas e justificativas dos entrevistados proporcionou a discussão dos resultados. Dessa forma, essa última análise em questão consistiu em uma ferramenta fundamental, que auxiliou na apresentação e na discussão dos dados.

Para nos referirmos aos participantes, respeitando o anonimato, utilizamos nomes fictícios que seguiram o seguinte critério: os do curso de Psicologia tiveram seus nomes iniciados pela letra “P”, os de Enfermagem pela letra “E” e os de Medicina pela letra “M”. Quanto aos períodos do curso, correspondem àqueles que os participantes pertenciam no período da entrevista e serão indicados pela letra “p” (ex: 1º p ou 11º p).

Resultados e discussão

Quando indagados sobre *quais são os seus projetos de vida*, os 51 estudantes mencionaram 153 respostas. Logo, os participantes emitiram mais de uma resposta, que permitiram constituir dez categorias de análise, as quais foram distribuídas pelo número e percentual de respostas, e são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Projetos de vida

categorias	Nº	%
Formação acadêmica	43	28,1
Relacionamento afetivo	27	17,7
Trabalho/emprego	23	15,0
Estabilidade/independência financeira	18	11,8
Bens materiais	12	7,8
Sair de Petrolina	6	3,9
Independência pessoal	5	3,3
Lazer	5	3,3
Indefinidos	2	1,3
Outros	12	7,8
Total	153	100

Verificamos que grande parte dos participantes apresentou seus projetos de vida relacionados à categoria “formação acadêmica”. Nessa categoria, consideramos todas as respostas que fizeram referência a manter ou iniciar estudos, como: “continuar estudando”, “fazer mestrado”, “fazer doutorado”, “residência profissional”, ou “fazer outro curso superior”. Para ilustrar, apresentamos o depoimento de Edson (8º p.): *“Eu não almejo trabalhar logo. Quero estudar, fazer especialização, mestrado, eu gosto da vida acadêmica”*.

Em “relacionamento afetivo”, estão inseridos os projetos mencionados que visam ao envolvimento afetivo com outras pessoas, como: “casar”, “constituir família”, “ter filhos”, entre outros. Destacamos a consideração de Morgana (11º p.): *“Me vejo constituindo a minha família e ter uma qualidade de vida, não é? Não deixando que meu lado profissional interfira na vida familiar”*.

Quanto às respostas da categoria “trabalho/emprego”, compreendemos as relacionadas a algum tipo de atividade produtiva remunerada, independente da área ou do tipo de ocupação citada, por exemplo: *“Eu me vejo trabalhando tanto na parte de ensino, como os meus professores, como na parte administrativa”* (Elvira, 1º p.).

Salientamos, ao identificar essas três primeiras categorias com os maiores percentuais de respostas, que podemos comparar nossos resultados com o de outras pesquisas que investigaram projeto de vida. Os três elementos mais apontados na pesquisa de Paredes e Pecora (2004), como relacionados à possibilidade de ser feliz no futuro, foram: “família”, “trabalho” e “formação acadêmica”.

Também nas pesquisas que fizeram Bock e Liebesny (2003), Furlani & Bomfim (2010) e Nascimento (2002), os três elementos, que são mencionados em primeiro lugar, tal como em nosso estudo, são “estudo”, “trabalho” e “família”.

Quanto ao “relacionamento afetivo”, quando averiguamos os dois períodos de Medicina, identificamos que há uma grande diferença no número de respostas dadas nessa categoria. Das 13 mencionadas pelos alunos desse curso, quatro respostas são do primeiro período e nove do último período.

O estudo de Avancine e Jorge (2000) com estudantes de Medicina do 5º e 6º anos mostrou que a experiência com o sofrimento das pessoas os levou a valorizar a própria vida e a das pessoas mais significativas para eles. Partimos da hipótese de que a mesma situação pode ter levado os universitários, do último período de Medicina da nossa pesquisa, a apontar a necessidade de criar ou fortalecer relacionamentos afetivos no sentido de valorizar mais essas pessoas, expressando a vontade de estar perto, de dar atenção e fornecer ajuda que possa minimizar algum tipo de dificuldade ou sofrimento. O depoimento de Mariza (11º p.) pode ser um exemplo desse desejo: *“Pretendo, em relação à família, comprar um apartamento novo para minha mãe... e sempre poder estar lá para ajudá-los. Eu quero ganhar um bom dinheiro para poder visitar minha família sempre que eu quiser”*. No entanto, consideramos que outras investigações precisam ser realizadas no intuito de corroborar essa hipótese.

Chamamos “estabilidade/independência financeira” os projetos especificamente voltados para a estabilidade profissional que visam à independência financeira. Podemos identificar isso na declaração de Paola (1º p.): *“Eu pretendo ter uma estabilidade... um trabalho... sair da faculdade e já ter uma renda pelo menos para me manter sem depender da minha mãe”*. Esse projeto busca sua ancoragem em formas estáveis de concretização, fato comum quando tomamos conhecimento das diferentes oportunidades de trabalho, que não garantem segurança financeira, nem possibilidades de investimento na qualidade e crescimento profissional, por serem momentâneos, ou melhor, instáveis.

Os projetos inseridos em “bens materiais” sinalizam o desejo de querer comprar ou adquirir carro, casa própria para si ou para os familiares, como este: *“Quero ter meu apartamento e um carro, mesmo que seja um popular, não importa”* (Maria, 1º p.).

Uma pesquisa, para investigar projetos de vida de adolescentes de classe média e baixa, em que a categoria “bens materiais” esteve presente, foi realizada

por Miranda (2007). Diferentemente de nossos resultados, essa categoria aparece em primeiro lugar com 35,63% do percentual de respostas, e na nossa pesquisa surge em quinto lugar com apenas 7,8%.

Além disso, identificamos que seis participantes manifestaram o interesse em “sair de Petrolina” para voltar à terra natal, morar em uma cidade grande ou ir para fora do país, ao dizer assim: “{...} *acho que não quero morar aqui, apesar de estar no começo do curso, não penso em morar aqui*” (Mariana, 1º p.). Encontramos respostas nos três cursos investigados, que são apenas dos universitários do primeiro período: Enfermagem (n=3), da Medicina (n=2) e da Psicologia (n=1).

Nossos dados apontam¹ que 28% (n=14) dos participantes são de diferentes estados brasileiros (São Paulo, Ceará, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e Piauí), enquanto 39% (n=20) são da Bahia e 33% (n=17) de Pernambuco. No entanto, a maioria deles não é de Petrolina (PE) nem de Juazeiro (BA), cidades vizinhas onde ficam localizados dois campi da Universidade. Da Bahia, temos seis universitários de Juazeiro e 14 de outras cidades. De Pernambuco, são oito participantes de Petrolina e nove de outras cidades. Isso nos leva a considerar que os estudantes iniciantes, oriundos de diferentes cidades, provavelmente devem sentir dificuldades de adaptação à cidade de Petrolina por várias razões, como: distância da família e amigos, estilo de moradia, condições climáticas, entre outras. Além disso, entendemos que a trajetória acadêmica é um processo dinâmico, no qual o estudante vai sendo submetido a diferentes experiências de convivência e aprendizagem, que tendem a provocar reelaborações de seus projetos. Daí, a possibilidade desse interesse em sair de Petrolina ir diminuindo ao final do curso.

Alguns projetos (n=5) se referem a, principalmente, morar sozinho, longe dos pais ou da família, levando-nos-*is* ou da família, constituindoquisas realizadas que versam sobre projeto de vida. à categoria “independência pessoal”. É essa a pretensão de Elson (8º p.), quando diz: “*Quero estar em minha casa, quero estar morando só, ter meu carrinho, minha liberdade total*”.

Chamamos de “lazer” quando se referiram aos projetos de viajar, mesmo que seja para visitar a família, e identificamos que existem respostas (n=2) que fazem referência aos projetos como “indefinidos”, indicando que os participantes não tomaram decisão ou ainda não se definiram. Finalmente, consideramos

1 Dados coletados quando realizamos as perguntas iniciais da entrevista com a finalidade de caracterizar os participantes.

“outros” (n=12) projetos, as respostas que não puderam ser consideradas nas categorias citadas anteriormente. Tais respostas versam sobre: “ausência de projeto de relacionamento afetivo” (n=4), “qualidade de vida” (n=1), “morar na região” (n=2), “vida estruturada” (n=1), “escrever livros” (n=1), “manter adoração a Deus” (n=1), “participação em projeto social” (n=1), “ajudar a família” (n=1). Vejamos uma das respostas considerada como “outros”: “*Como sou religiosa, espero manter a minha adoração a Deus*” (Morgana, 11º p.).

Na sequência do instrumento da pesquisa, passamos a apresentar os resultados obtidos quando questionamos os 51 estudantes universitários sobre *quais são seus projetos de vida profissional*. Eles forneceram 137 justificativas, ou seja, mais de um argumento foi citado. Constituímos sete categorias de análise e as distribuímos pelo número e percentual de respostas, as quais podem ser visualizadas na Tabela 2.

Tabela 2 – Projetos de vida profissional

Categorias	Nº	%
Pós-graduação	64	46,7
Trabalho em geral	29	21,2
Trabalho como professor universitário	16	11,6
Trabalho específico na área	12	8,8
Concurso	6	4,4
Outro curso	3	2,2
Outros	7	5,1
Total	137	100

Vemos que “pós-graduação” obteve um percentual bem diferenciado em relação às outras categorias. Nela foram considerados todos os projetos voltados para a continuidade da vida acadêmica, ou seja, a pretensão de fazer especializações, mestrado, doutorado e/ou residência profissional. Eis a declaração de Edione (1º p.): “*Eu pretendo ir logo para pós-graduação, mestrado, continuar estudando e me especializando na minha área*”.

Não deve causar estranheza o fato de a maioria ter como principal projeto fazer pós-graduação, uma vez que a continuidade dos estudos, a necessidade permanente de atualização são exigências impostas pela realidade social a todo profissional que quer novas oportunidades de desempenho profissional, independente de sua área de atuação. Sobretudo quando se trata de alunos em

processo de graduação, que, por estar inseridos na academia, tendem a sentir mais de perto a necessidade de ingressar no mercado de trabalho e sabem que, para isso, precisam estar mais preparados para enfrentar a concorrência. Muitas vezes, identificam essa necessidade quando conhecem, por exemplo, os critérios para ingresso na universidade de seus docentes.

Moraes (2010) afirma que a graduação não é mais diferencial competitivo já há muito tempo. Entende que o desenvolvimento agressivo do mercado coloca aqueles que não têm pós-graduação com poucas possibilidades de progredir na profissão, ou como predestinados a ocupar posições operacionais. Isso porque, ao concluir o curso superior, além da necessidade de focar na sua área de atuação específica, o profissional precisa seguir aprimorando seus conhecimentos se quiser acompanhar a evolução do mercado, porque esse cobra atualizações práticas, que são decorrentes da ampliação e aprofundamento da bagagem teórica. Sendo assim, a pós-graduação é uma consequência, quase sempre imediata, para aqueles que têm projetos de ascender na carreira e de trilhar caminhos de maiores possibilidade de empregabilidade; além de possibilitar a habilitação e pontuação em concursos públicos, sobretudo na carreira do magistério superior. Paulina (1º p.) chama atenção para esse aspecto: *“Fazer pós-graduação, porque mestrado é mais para a área acadêmica. Mas também é bom no caso de concurso, pois dá um critério a mais”*.

As pesquisadoras Marcelino, Catão e Lima (2009), ao investigar as representações sociais de adolescentes do ensino médio, também identificaram que “os estudos” são apontados como meios para se alcançar o que foi projetado, reforçando a relação estabelecida entre a escolarização e a construção do projeto de vida. Por sua vez, no nosso estudo, estudantes de todos os cursos e períodos fizeram referência à “pós-graduação” como projeto profissional.

Em seguida, detectamos que os projetos profissionais referentes ao trabalho foram distribuídos em três categorias com o objetivo de promover uma possível discussão mais detalhada posteriormente. Dessa forma, tivemos a denominada “trabalho em geral”, que envolve os projetos de “trabalhar” sem qualquer especificação de local ou área de atuação, a exemplo deste: *“O meu plano é daqui a cinco anos estar trabalhando”* (Emerson, 8º p.). Outra resposta diz respeito ao “trabalho como professor universitário”, indicando o desejo de ingressar na vida acadêmica como docente: *“Minha meta é a academia, ser professor universitário, porque justifica a área de pesquisa por estar envolvido há dois anos, porque é uma área que me chamou atenção; pesquisar, desenvolver projeto”* (Edson, 8º p.). Por último, temos a categoria, que versa sobre o “trabalho específico na área”, apontando para as diversas

áreas da formação acadêmica dos entrevistados, excluindo apenas as respostas que manifestam o desejo de ser professor (a) universitário (a). Atentemos para a especificação existente na citação de Péricles (9º p.): *“Começar a trabalhar na área da saúde coletiva”*.

Vimos que as respostas referentes ao “trabalho” foram dispostas de acordo com diferentes critérios, formando três categorias de análise. Trata-se de um dado relevante, uma vez que juntas representam 41,6% das respostas, e de um tema importante por estar sempre presente nos projetos de vida profissionais. Conseguir um trabalho/emprego é, sem dúvida, um dos principais projetos dos universitários. Realçamos que, ao contrário das outras categorias referentes ao trabalho, a que aponta “trabalho como professor universitário” (n=16) é constituída por respostas mencionadas por universitários de todos os períodos e cursos. Ao relacionarmos essas respostas com as dos universitários que fizeram menção à “pós-graduação” como projeto, vimos o seguinte: dos nove estudantes de Enfermagem que citaram a “pós-graduação”, seis deles também mencionaram o projeto “trabalho como professor universitário”; outrossim, quatro dos 15 de Medicina e seis dos 15 de Psicologia também se referiram a esses dois projetos. Consideramos que esses estudantes citam a pós-graduação como um caminho para atingir esse objetivo, uma vez ser condição necessária para quem almeja a docência universitária, sobretudo nas instituições públicas.

Lima (2006), ao resenhar a obra de Yves Clot, declara que o trabalho não é apenas uma atividade entre outras. Continua a preencher uma função psicológica exclusiva e merece um estatuto inteiramente distinto entre as diversas atividades exercidas pelo homem “[...] na medida em que promove uma ruptura entre as ‘pré-ocupações’ pessoais do sujeito e as ‘ocupações’ sociais que este deve realizar” (p. 113).

Sobre o tema “trabalho”, também podemos citar a investigação feita por Dias (2009) para compreender quais sentidos do trabalho se fazem presentes na construção do projeto de vida de um grupo de formandos. Os resultados encontrados apontam que a dimensão do trabalho é uma preocupação central entre os universitários “que remete a uma relativa possibilidade do sujeito de pensar em si mesmo no futuro ou se projetar” (p. 193). Desse modo, ao pensar no seu futuro, os universitários têm “o trabalho” como um projeto que precisa ser alcançado e, em função da sua relevância, muitas vezes, outros projetos são adiados ou nem sequer são pensados.

Temos, ainda, as respostas que expressam a vontade de realizar “concurso”, tornando evidentes os projetos profissionais de seis participantes; e a de “outro curso”, que aparece como uma meta ou possibilidade, para três participantes, de fazer outra graduação. Por fim, em “outros” (n=7), encontramos “fazer pesquisa” (n=2), “continuar estudando” (n=2), “colocar uma ONG” (n=1), “viajar para os EUA” (n=1), “participar do projeto médico sem fronteiras” (n=1).

Informamos que, nos projetos “concurso” (n=6) e “outro curso” (n=3), não identificamos respostas em Medicina. Registramos fazer “concurso” no último período de Enfermagem (n=2), e em Psicologia, no primeiro (n=2) e no último período (n=2). Possivelmente, seja decorrente da busca pela citada “estabilidade/independência financeira”, projeto de vida com presença nos cursos de Enfermagem e Psicologia. Há de ser considerado que, atualmente, um grande número de pessoas deseja ingressar no serviço público via concurso, o que demonstra preocupação com a segurança e estabilidade financeira.

Quanto a fazer “outro curso”, apenas os alunos de Enfermagem (n=3) têm como projeto profissional. Dessa forma, conferimos que esse curso é Medicina e que, dos 17 estudantes de Enfermagem entrevistados, três deles deixaram claro, entre outros projetos, o desejo de fazer Medicina antes do término ou ao terminar o seu curso, pelas seguintes razões: “garantir a independência financeira”, “incerteza quanto à profissão”, “ter feito o curso porque não passou no vestibular de medicina” e “realização do sonho”.

Finalmente, apresentamos as justificativas dos 51 participantes quando interrogados sobre *por que esses são seus projetos profissionais*. Considerando que mais de uma justificativa foi dada por participante, tivemos 206 emitidas, que nos permitiram constituir 14 categorias, as quais são apresentadas na Tabela 3.

Tabela 3 – Justificativa dos projetos de vida profissional

Categorias	Nº	%
Motivação e/ou interesse	75	36,4
Aprofundamento dos conhecimentos	29	14,1
Retorno financeiro	24	11,6
Desejo de ajudar as pessoas	13	6,3
Identificação com a área	11	5,3
Aprimoramento da profissão	10	4,9
Outro como modelo	7	3,4
Qualidade de vida	6	2,9
Oportunidade de trabalho	5	2,4
Enriquecimento do currículo	4	1,9
Estabilidade no trabalho	2	1,0
Reconhecimento social	2	1,0
Outros	16	7,8
Dados perdidos	2	1,0
Total	206	100

Constatamos que a mais forte razão para seus projetos de vida profissional é “motivação e/ou interesse”. As justificativas que integram essa categoria dizem respeito ao gosto, à vontade do participante; a algo que vem dele próprio, aos seus motivos pessoais. Temos na declaração de Elaine (8º p.) um exemplo típico: *“Porque o que eu queria mesmo era ser professora de universidade, porque a profissão me encanta”*.

Segundo Gil (2001), o que estimula as pessoas a agir é a força da motivação. Para esse autor, os indivíduos têm milhares de necessidades, e a mais forte é a que conduzirá à atividade. Isso quer dizer que os nossos projetos são priorizados de acordo com as nossas necessidades, interesses e vontades. Na verdade, aquilo que focamos deve direcionar nossos projetos e justificar nossa motivação para alcançar a meta final, mas isso vai depender muito da vontade de buscar atingi-la.

La Taille (1992), ao falar do dualismo afetividade/razão na teoria de Piaget, tece considerações a respeito do que estamos discutindo sobre a força energética, que nos impulsiona a agir, e sobre a vontade, que devemos ter para atingir nossas metas. A afetividade, tida como a energia que move nossas ações, e a

razão nos possibilitando a identificação dos variados sentimentos nelas envolvidos. Dessa forma, nossa vontade vai dizer em quais projetos queremos investir nossas energias.

Podemos destacar a categoria “motivação e/ou interesse” com um grande número de justificativas (n=75) distribuídas em todos os cursos e períodos. Apenas na Enfermagem o maior número de argumentos foi no último período (n=24), pois, nos outros dois cursos, foram mais frequentes nos primeiros períodos. Isso nos leva a entender que os universitários do curso de Enfermagem passam a justificar mais seus projetos profissionais pela “motivação e/ou interesse” ao final do curso.

Os entrevistados mencionaram “aprofundamento dos conhecimentos”, como justificativas direcionadas para a necessidade de atualização e investimento nos estudos. Entendemos que a explanação de Emanuel (8º p.) é bem característica: *“Você tem que estar sempre se aperfeiçoando, buscando conhecimento, isso é muito importante”*.

Conforme mencionamos, a busca pelo aprofundamento dos conhecimentos com a pós-graduação, cursos de especialização, ou outras possíveis alternativas, vem sendo opção frequente dos universitários. Como se sabe, os diferentes meios de comunicação vêm mostrando a exigência do mercado de trabalho por inovações tecnológicas e novas habilidades práticas, que impliquem resultados efetivos da atividade profissional. Logo, os universitários mostram-se atentos a essa pretensão e planejam investir no aprofundamento dos estudos na expectativa de estar mais preparados para encarar essa realidade. No entanto, a sociedade, no seu modelo capitalista, tende a inspirar seus indivíduos a lograr a ascendência social das mais diversas formas. Conforme vimos em La Taille (2010), o indivíduo autônomo é livre para escolher como agir, pois são responsáveis pelos seus atos. Os princípios, que vão inspirar suas ações, serão fundamentados nos seus valores morais, os quais vão levá-lo à compreensão e interpretação das regras sociais. Possivelmente, por meio da reflexão crítica, adquirida ao aprofundar e ampliar seus conhecimentos, esse indivíduo terá mais oportunidade de analisar as possibilidades e impossibilidades de enfrentar ou superar diferentes situações futuras.

Aceito isso, as razões enfocadas pelos participantes, que formaram a categoria “aprofundamento dos conhecimentos”, citada pelos estudantes de todos os períodos e cursos, justificam a “pós-graduação” ter tido o maior percentual dos

projetos de vida profissional. Partimos da consideração de que a categoria “pós-graduação” foi constituída por 64 respostas e que 22 delas foram justificadas pela necessidade de “aprofundamento dos conhecimentos”.

O “retorno financeiro” é um argumento entendido como uma intenção maior em ganhar dinheiro, ou melhor, aquilo que se busca alcançar quando se realiza alguma atividade produtiva. Mariza (11^o p.) expõe de forma bem direta seu interesse: “*Eu quero trabalhar primeiro por causa da questão financeira*”. O maior número dessas respostas se concentra nos últimos períodos de Medicina e Psicologia, enquanto na Enfermagem o mesmo número de respostas é encontrado nos dois períodos.

Buscamos a pesquisa realizada por Valore e Viaro (2007) para tentar estabelecer uma comparação com nosso estudo no que diz respeito ao “retorno financeiro”. Esse estudo consistiu em investigar as expectativas quanto ao projeto de vida e a relação profissão e sociedade no discurso de estudantes do Ensino Médio. Entre as categorias discursivas encontradas, “profissão” foi a que obteve o maior percentual (44,3%) e foi dividida em quatro subcategorias. Dessas quatro subcategorias, “retorno financeiro” foi a que apresentou o maior número de recorrências/enunciados produzidos. Detectamos que o sentido expresso do “retorno financeiro”, quando relatado no citado estudo, assemelha-se ao que foi colocado pelos universitários que investigamos. Os autores ressaltam que o retorno financeiro representa, algumas vezes, a consequência natural de uma boa formação. Por outro lado, o desejo de realização pessoal na profissão também inclui a preocupação quanto ao retorno financeiro. Esse aspecto os leva a pensar que esses adolescentes gostariam de unir o útil ao agradável.

Ao atribuírmos “desejo de ajudar as pessoas”, encontramos razões voltadas para a contribuição social, para a solidariedade e a humanidade com outrem. A opinião de Elânio (1^o p.) justifica esse argumento: “*Trabalhar buscando a equidade, sempre beneficiando a população mais carente, pessoal que necessita mais da nossa atenção*”. Realçamos o fato de encontrar respostas citadas apenas pelos primeiros períodos dos cursos de Enfermagem e Medicina. Além disso, vale destacar que, das 206 respostas apresentadas pelos participantes como justificativas dos seus projetos profissionais, apenas 13 delas fizeram referência ao desejo de ajudar as pessoas. Essa justificativa nos faz pensar na virtude da generosidade mencionada por La Taille (2006a) e destacamos o fato de ter sido conteúdo de um reduzido número de justificativas.

Na sequência, temos as respostas que compõem “identificação com a área”, revelando que esse processo é decorrente das experiências vivenciadas com as disciplinas no decorrer do curso. Michela (11º p.) faz menção a esse fato, dizendo: *“Eu me identifiquei muito com dermatologia durante o curso. É uma área muito abrangente, dá conforto e liberdade”*. Em seguida, citaram “aprimoramento da profissão” para justificar o desejo de investir na própria formação acadêmica e uma preocupação com qualidade da profissão, conforme pode ser verificado neste argumento: *“Fazer mestrado para aprimoramento da carreira, da profissão. Ter qualificação para engrandecer nossa profissão com minha prática”* (Pietro, 9º p.).

Algumas justificativas (n=7) nos levaram à categoria “outro como modelo”, por terem indicado outra pessoa como referência para suas escolhas e razões dos seus projetos. Vejamos, no pronunciamento de Petrônio (1º p.), essa consideração: *“Porque vejo muitos professores meus aqui, que gostam do que fazem e se sentem bem. Mesmo muito atarefados, estão sorrindo, sempre gostando, são alegres com isso”*. Ter o outro como modelo pode ter diferentes significados e níveis de intensidade no sentido de apropriação de outrem. Pode significar uma simples inspiração para a realização de algo; para reproduzir traços considerados significativos do comportamento de alguém a partir da imitação ou do exemplo que se pretende seguir de modo mais acentuado. Algumas dessas formas de seguir o “exemplo” de alguém podem surgir no contexto da instituição, como mostrou o exemplo de Petrônio (1º p) acima.

Os participantes fizeram referência à “qualidade de vida” para deixar clara a expectativa de que seus projetos também promovam bem-estar e mais participação na vida social. Consideramos interessante frisar que cinco das seis alegações foram expressas por alunos de Medicina, sobretudo pelos do último período (n=4). Deixa clara a possibilidade de que a busca por qualidade de vida é um fator importante para esses futuros profissionais e que a escolha da especialidade médica tem sido feita levando-se em consideração esse desejo. É o que pretende Márcio (11º p.): *“Penso também em uma qualidade de vida melhor futuramente, e eu acredito que essas áreas vão me dispor isso até... de não viver uma vida somente para o trabalho. Então, isso influencia muito”*. Outras respostas foram inseridas em “oportunidade de trabalho” (n=5) porque fazem referência a algumas situações ou locais de moradia, que facilitam sua prática profissional. Vejamos a razão encontrada por Elizângela (1º p.): *“Quanto a voltar para a minha cidade, é porque acho que terei mais espaço de trabalho”*.

Alguns universitários (n=4) justificam seus projetos pela necessidade de “enriquecimento do currículo”, alegações que exprimem preocupação em valorizar esse aspecto. E, finalmente, temos as duas categorias com menor percentual (1,0%), “estabilidade no trabalho e reconhecimento social”. Nessa última, podemos verificar uma preocupação em ser valorizado profissionalmente: “*Curso de aperfeiçoamento e pós – graduação porque têm mais valor profissional, essas coisas...*” (Eurico, 1º p.).

Vale salientar que a categoria “outros” obteve um alto percentual (7,8%) se comparada às últimas citadas. Esses argumentos estão relacionados a 16 diferentes respostas: “articulação teoria-prática”, “é um sonho”, “deu aula de banca”, “tentar residência na UPE”, “acha que merece”, “testa-se o conhecimento”, “satisfazer a mãe”, “aproxima-se mais da ciência”, “por ser sua terra”, “transmitir conhecimento”, “consequência do aperfeiçoamento”, “universidades vão oferecer oportunidades para fazer pós”, “será preciso”, “influência de programas de televisão”, “é ambiente de trabalho em saúde” e “não acredita que haverá mudanças significativas no país”.

Por último, faz-se necessário dizer o que consideramos como “dado perdido” (n=2). Um deles foi quando um participante não respondeu à questão e, outro, quando o pesquisador não formulou a pergunta do instrumento.

Dando continuidade à discussão dos resultados, teceremos alguns comentários e articulações entre os dados que consideramos relevantes.

Verificamos que, quando indagados sobre quais são seus projetos de vida profissional, 137 respostas foram mencionadas e constituíram sete categorias de análise. Dessa forma, os estudantes mostraram que, mesmo fazendo parte de um processo de inserção profissional num mundo de tantas incertezas, planejam construir algo para si e pretendem decidir sobre o futuro.

Vimos, ao questionarmos sobre os projetos de vida, que as respostas referentes à “formação acadêmica”, relacionam-se com as que formaram a “pós-graduação” nos projetos de vida profissionais; bem como “trabalho/emprego”, como projeto de vida, é uma categoria formada pelas respostas que têm o mesmo sentido na ampla categoria “trabalho”, citado como projeto de vida profissional. Para compreendermos tais relações, devemos refletir que os projetos profissionais podem ser vistos como uma especificidade dos projetos vitais, ou seja, fazem parte de um conjunto de aspirações que são construídas ao longo da existência do indivíduo. Daí, com o ingresso na universidade, os interesses profissionais tendem a ser mais especificados. Por isso, quando indagamos, também, sobre

os projetos profissionais, muitos dos entrevistados se preocuparam com o detalhamento da sua pretensão. Exemplo disso foi a resposta “trabalho/emprego” (projeto de vida em geral) e “trabalho como professor universitário” (projeto de vida profissional).

Justificamos o destaque dado à categoria “sair de Petrolina”, mesmo com um pequeno percentual de respostas, uma vez que, de acordo com Brasil et al. (2003), uma das propostas da UNIVASF é ver atenuada a força da região no tocante à importação de profissionais de outras áreas do país, ou melhor, espera-se que, em uma região onde existe carência de profissionais especializados, os graduados, oriundos desta universidade, procurem atender à expectativa da sociedade disponibilizando, na prática, seus conhecimentos técnicos-científicos, sobretudo na área da saúde. Dessa forma, a expectativa gira em torno da formação de profissionais comprometidos com a realidade local para impulsionar o desenvolvimento da região. Porém, percebemos que, dos 51 entrevistados, apenas seis, do primeiro período, mencionaram esse projeto de vida. Isso nos leva a acreditar que a grande maioria não chegou a vislumbrar essa possibilidade ou não manifestou esse desejo como projeto de vida.

Neste momento, atentamos, principalmente, para os conteúdos morais ou contrários à moral presentes ou não na elaboração dos projetos mencionados, especialmente nos profissionais, uma vez que também foram solicitados os argumentos para tais respostas. Constatamos que os participantes justificaram seus projetos profissionais, principalmente pela “motivação e/ou interesse” em realizá-los. Partindo das considerações de La Taille (1992) sobre a força energética, que nos impulsiona a agir e sobre a vontade que devemos ter para atingir nossas metas, esperamos que essa energia interior e a força da vontade sejam direcionadas para projetos que visem ao bem-estar humano, à felicidade coletiva e à transformação social. Isso porque a simples expressão desse argumento não garante que serão impulsionados na direção da “vida boa”, no sentido defendido pelo autor. Enfim, esperamos que o sentimento do dever, que envolve as ações morais, não seja exterior à consciência dos futuros profissionais e que as fontes energéticas que alimentam esse sentimento estejam voltadas para uma perspectiva ética – condição necessária para obtermos mudanças em determinadas práticas profissionais.

Considerando o que discutimos sobre a necessidade de incluir o outro na nossa vida, como uma perspectiva de vida boa, chamou-nos a atenção a “qualidade de vida” como justificativa para alguns projetos profissionais, embora com um

número reduzido (n=6; 2,9 %). No entanto, o que os participantes expuseram como qualidade de vida diz respeito ao interesse de ter uma vida mais confortável, de não viver somente para o trabalho. Nessa perspectiva, identificamos o “querer fazer” pensando apenas em vantagens pessoais, sem sinalizar o desejo de incluir o outro no seu projeto de felicidade, ou seja, não parece vislumbrar a felicidade coletiva, condição para se pensar em uma vida no sentido ético (La Taille, 2006a).

Finalmente, diante da justificativa denominada “desejo de ajudar as pessoas”, salientamos que o sentido expresso nos depoimentos dos participantes nos remete ao significado da virtude da generosidade concebida por La Taille (2006a), conforme explicitado. Trata-se de um número reduzido de justificativas (n=13; 6,3%), principalmente por estarmos tratando de profissionais da área da saúde, dos quais se espera a ética do cuidado, a qual, para La Taille (2006b), contempla a generosidade como uma atitude pró-social que consiste em um dever positivo.

Considerações finais

Neste estudo, partimos da concepção de que o futuro se constitui no espaço para construção de projetos entrelaçados, os quais se encontram norteados por valores que inspiram princípios e vão determinar nossa forma de ser e agir no mundo, nos diversos contextos de nossa existência. Foi dessa forma que tentamos compreender os projetos de estudantes da área da saúde da UNIVASF.

Salientamos que escolhemos os cursos da área da saúde, Enfermagem, Medicina e Psicologia, e os primeiros e últimos períodos desses cursos como critérios para esta investigação. Justificamos essa escolha no capítulo dos procedimentos metodológicos e, agora, esclarecemos que não encontramos nas respostas e/ou nas suas justificativas, diferenças relevantes entre cursos ou entre períodos, quando questionados sobre seus projetos de vida e profissionais. O que, efetivamente, encontramos merece reflexão pelos conteúdos explicitados, independentes dos cursos e períodos pesquisados.

Neste momento, também consideramos importante refletir sobre os conteúdos morais identificados nas justificativas dos projetos profissionais dos nossos estudantes. Partindo das perspectivas de moral e ética apresentadas neste estudo, atentamos que foram em número reduzido esses conteúdos morais. Lembramos que os participantes responderam três questões que possibilitaram a presença de conteúdos voltados para a moralidade: Quais seus projetos de vida? Quais são seus projetos profissionais depois de terminar este seu curso de graduação?

Por quê? No entanto, identificamos que somente 13 justificativas apresentaram conteúdos morais, o que corresponde a apenas 2,6% do total das 496 respostas relacionadas a essas três questões. Resolvemos destacá-los nas discussões para não perdermos de vista um sinal, mesmo que pequeno, de possíveis mudanças positivas nas práticas desses profissionais, uma vez que a expectativa da sociedade é de um atendimento mais humanizado, que implique respeito e cuidado com o próximo.

Vimos que nossos resultados instigam reflexões sobre como estão sendo construídos os projetos profissionais dos estudantes universitários no seu processo de formação acadêmica. Partimos da compreensão de que a formação do profissional de saúde carece de mudanças profundas, porque a atual não atende mais as necessidades dos usuários desses serviços nem do processo de trabalho em saúde. A sociedade atual e a complexidade dos problemas de saúde, muitas vezes decorrentes da inovação tecnológica, vêm requerendo do sistema educacional um repensar da sua função formadora de profissionais para atuar nessa nova realidade (Erdmann et al., 2009).

Entendemos que esse processo de formação pode ser reorientado em busca de um perfil socialmente mais relevante. Conceitos de ética, moral e valores devem ser centrais nesse processo, para que possamos pensar em uma prática responsável e comprometida com a saúde e a vida. No entanto, a reflexão ética deve ser feita sobre as questões vivenciadas, cotidianamente, e o professor tem um papel preponderante, uma vez que representa um modelo a ser seguido pelos estudantes, não só pelas habilidades técnicas que possui, mas, também, pela postura ética e condutas morais diante das situações no atendimento a pacientes (Finkler, Caetano & Ramos, 2011).

Com efeito, é relevante a execução de pesquisas que investiguem este tema e nos forneçam dados para uma melhor compreensão dos projetos profissionais, não só de estudantes universitários, como de outros níveis de ensino, os pré-vestibulandos, por exemplo. Diante dessa possibilidade, certamente teremos aprofundados os conhecimentos referentes aos projetos profissionais e poderemos atentar para possíveis influências dos professores na construção dos mesmos.

Para finalizar, propomos outros estudos sobre projeto profissional, que possam acrescentar novos elementos de análise com base na Psicologia da Moralidade. Além disso, devemos refletir sobre a possibilidade de um trabalho,

sobretudo com estudantes universitários, com o objetivo de discutirmos suas aspirações profissionais, procurando despertá-los a pensar a prática desenvolvida por condutas morais e opções éticas.

Referências

- Avancine, M. A. & Jorge, M. R. (2000). Medos, atitudes e convicções de estudantes de medicina perante as doenças. *Psiquiatria na Prática Médica (UNIFESP)*, 33, 2-9.
- Bock, A. M. M. & Liebesny, B. (2003). “Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo”. In S. A. Ozella. *Adolescências construídas: A visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.
- Brasil, G. H., et al. (2003). O vale de São Francisco e o Polo Petrolina – Juazeiro: trabalho do grupo para a implantação da UNIVASF. In *Projeto Político Pedagógico do Curso de Psicologia da UNIVASF*.
- Damon, W. (2009). *O que o jovem quer da vida? – como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes*. (J. Valpassos, trad.). São Paulo: Summus.
- Delval, J. (2002). *Introdução à prática do método clínico: Descobrimos o pensamento das crianças*. (F. Murad, trad). Porto Alegre: Artmed.
- Dias, M. S. L. (2009). *Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida de Universitários*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Erdmann, A. L.; Rodrigues, A. C. R.; Koerich, M. S.; Backes, D. S.; Drago, L. C. & Klock, P. (2009). O olhar dos estudantes sobre sua formação profissional para o Sistema Único de Saúde. *Acta paulista de enfermagem* [online], 22, 288-294.
- Finkler, M.; Caetano, J. C. & Ramos, F. R. S. (2011). A dimensão ética da formação profissional em saúde: estudo de caso com cursos de graduação em odontologia. *Ciência saúde coletiva* [online], 16, 4481-4492.
- Furlani, D. D. & Bomfim, Z.A.C. (2010). Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. *Psicologia & Sociedade*, 22, 50-59.
- Gil, A. C. (2001). *Gestão de Pessoas: Enfoque nos papéis profissionais*. São Paulo, Atlas.

- Ito L. H. & Soares D. H. P. (2008). Projeto do futuro e identidade: um estudo com estudantes formandos. *Aletheia*, 27, 65-80.
- Lassance, M. C. P.; Gocks, A. & Francisco, D. J. (1993). Escolha profissional em estudantes universitários: estilos de escolha. In Sociedade Brasileira de Orientação Profissional (Org.). *Anais, I Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional e Ocupacional* (s/p). São Paulo: ABOP.
- La Taille, Y. de (1992). Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget. In Y. de La Taille, M. K. de Oliveira & H. Dantas (Orgs.). *Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão* (pp. 47-73). São Paulo: Summus.
- La Taille, Y. de (2006a). *Moral e ética: Dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed.
- La Taille, Y. (2006b). A Importância da Generosidade no Início da Gênese da Moralidade na Criança. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 19, 09-17.
- La Taille, Y. de (2009). Construção da Consciência Moral. *Prima Facie – revista de ética (Portugal)* [online], 2, 7-30.
- La Taille, Y. de (2010). Moral e Ética: uma leitura psicológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa (UnB)*, 26, 105-114.
- Liboni, M., & Siqueira, J. E. (2009). Competência moral do estudante de medicina. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 55, 226-228.
- Lima, M. E. A. (2006). Resenha do livro A função psicológica do trabalho de Yves Clot *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 9, 109-114.
- Lunardi, V. L., Lunardi Filho, W. D., Silveira R. S. da, Soares, N. V., & Lipinski J. M. (2004). O cuidado de si como condição para o cuidado dos outros na prática de saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 12, 933-938.
- Marcelino, M. Q. dos S., Catão, M. de F. F. M., & Lima, C. M. P. de (2009). Representações sociais do projeto de vida entre adolescentes no ensino médio. *Psicologia Ciência e Profissão* [online], 29, 544-557.
- Miranda, F. H. F. (2007). *Projetos de vida na adolescência: um estudo na área da ética e da moralidade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.
- Moraes, T. (2010). Pós-graduação é diferencial competitivo. *Revista Ietec* [online], 34, 1-2.

- Nascimento, I. P. (2002). *As representações sociais do projeto de vida dos adolescentes: um estudo psicossocial*. Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC.
- Paredes, E. C., & Pecora A. R. (2004). Questionando o futuro: as representações sociais de jovens estudantes. *Psicologia: Teoria e Prática* (ed. especial), 49-65.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança*. (Elzon Lenardon, trad.). São Paulo: Summus. (Trabalho original publicado em 1932).
- Piaget, J. (2005). Introdução – Problemas e Métodos. In *A representação do mundo na criança* (A. U. Sobral, trad., pp. 9-31). Aparecida, SP: Ideias e Letras. (Trabalho original publicado em 1926).
- Resolução 196/1996 do Ministério da Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. (1996). Brasília: MS. Recuperado de: <http://www.conselho.saude.gov.br>.
- Silva, N. P. & Santos, M. R. (2007). *Quem é o estudante brasileiro? Um estudo sobre os valores priorizados pelos universitários de Psicologia: resultados preliminares*. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Assis, UNESP/CNPq/Pibic.
- Soares, D. H. P. (2002). *A escolha profissional do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.
- Valore, L. A., & Viaro, R. V. (2007). Profissão e sociedade no projeto de vida de adolescentes em orientação profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8, 57-70.

Abstract

That is about a study on college student's general life project in the health care field, which its emphasis is on professional projects. We want to know these projects and justifications, to discuss them from the perspectives of morality and ethics conceived by La Taille (2006a). We conducted individual interviews with 51 students, according to Piaget's clinical method. Participants mentioned general and professional projects and justified the latter mainly by "motivation and/or interest". Based on mentioned responses we have identified, in justification of professional projects for students, reduced moral contents. These data may contribute for interventions with future professionals, enabling reflections on the developed practice by moral conduct and ethical options.

Keywords: *moral; ethics; life professional projects; health; college students.*

Resumen

Se trata de un estudio sobre proyectos de vida general de estudiantes universitarios en los cursos de cuidado de la salud, con énfasis en sus proyectos profesionales. Buscamos conocer estos proyectos y sus justificaciones, desde las perspectivas de la moral y la ética concebidas por La Taille (2006a). Llevamos a cabo entrevistas individuales, con 51 estudiantes, de acuerdo con el método clínico de Piaget. Los participantes mencionaron los proyectos en general y profesionales, y justificaron los últimos principalmente por la motivación y/o interés. En vista de las respuestas, nos dimos cuenta de la poca expresión de sentido del deber moral. Estos datos pueden contribuir para intervenciones con los futuros profesionales, lo que permite la reflexión sobre la práctica desarrollada por las conductas morales y las opciones éticas.

Palabras clave: *moral; ética; proyectos de vida e profesional; universitarios; salud.*

Elzenita Falcão de Abreu

Professora do Colegiado de Psicologia
da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF
zeyth@bol.com.br

Heloisa Moulin de Alencar

Professora do Departamento de Psicologia Social e Desenvolvimento
do Programa de Pós-graduação em Psicologia
da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES